

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dalvana Franzon¹

RESUMO

O presente trabalho visa conhecer e romper os paradigmas da avaliação e a conceituação da mesma, por meio de pesquisas bibliográficas buscou-se respostas para a questão da avaliação. Destacando que avaliar é uma tarefa considerada penosa do ponto de vista docente e angustiante para os alunos. Sendo que muitas vezes o uso inadequado dos instrumentos, como provas e trabalhos, a forma como é conduzido todo o processo são fontes geradoras dos sintomas incômodos revelados pelos alunos, porém a avaliação é uma prática necessária e que está sempre presente no processo de ensino aprendizagem do aluno, também muito importante para o pleno exercício da liberdade e da cidadania. Torna-se importante repensar a prática pedagógica de muitos professores, pois são eles os principais responsáveis pelas mudanças necessárias para vencer os desafios do dia a dia em uma sala de aula. Pesquisa em livros foi realizada com a intencionalidade de demonstrar uma mudança de postura em relação à avaliação, que após ser detectado o problema, analisado, discutido e teoricamente fundamentado, a mesma passa a ser vista como um processo contínuo e global atual.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino-aprendizagem. Professor. Aluno. Mudança.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação no processo ensino-aprendizagem, tanto nos anos iniciais do ensino fundamental, como em outras séries está inserida neste contexto, e ao longo do estudo buscou-se reflexões baseando-nos em quais formas ela se apresenta, tanto para o professor, como para o aluno, para os responsáveis pelas instituições de ensino, os familiares ou governos.

Destacando que este processo não é simples, mas tão pouco chega a ser muito difícil, o mais preocupante é quando se quer mudar, reavaliar sua prática pedagógica ou exigir as condições físicas ou pedagógicas para se efetuar mudanças.

As mudanças de enfoque educacionais ocorrem dia a após dia, permitindo aos estudiosos da educação identificar como a burocracia das várias instâncias do sistema, seja federal, estadual, municipal, cria embaraços e limita a liberdade de ação das escolas, para as quais se destinam os ordenamentos legais e as exigências formais, sem que tenham poder de decidir sobre aspectos substantivos de seu trabalho.

¹ Licenciada em pedagogia, com Pós graduação “Lato-Sensu”, especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Professora efetiva na rede municipal de ensino do município de Tunápolis/SC.

Com base nesta questão, o trabalho a seguir possui como objetivo principal, apresentar uma melhor compreensão da realidade exercida e materializada na prática do planejamento, visando desta maneira, a utilização da avaliação como técnica essencial de ensino-aprendizagem.

2 CONCEPÇÃO DA AVALIAÇÃO

De acordo com Luckesi (1998), o termo avaliar também tem sua origem no latim, provindo de composição a – valere, que quer dizer “dar valor a...”. Porém o conceito de avaliação é formulado a partir das determinações da conduta de “atribuir um valor ou quantidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...” que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado.

Na percepção tradicional a avaliação associa-se a ideia de fazer provas, infligir notas, passar ou repetir de ano, onde de certa forma é idealizada como uma simples forma de transmissão e memorização de informações que já vem prontas, e o educando é visto com um ser receptivo e paciente.

Em uma concepção pedagógica mais moderna, o educando é um ser ativo e dinâmico que participa da construção de seu próprio conhecimento. Temos os princípios da avaliação da aprendizagem que podem ser diagnósticas, formativa e somativa. A avaliação deve servir como prática de investigação, interrogar a relação ensino aprendizagem, procurar identificar conhecimentos que foram construídos, se o educando atingiu os objetivos propostos e não apenas priorizar os resultados ou seu processo.

Destacando que através da avaliação diagnóstica podemos verificar quais as causas reais que impedem a aprendizagem do aluno. A coleta de dados relevantes através de instrumentos que expressem o estado de aprendizagem do aluno, tendo em vista os objetivos e as capacidades destacadas, que se pretende avaliar.

“A LDB, ao se referir à verificação do conhecimento escolar, determina que sejam observados os critérios de avaliação contínua e cumulativa da atuação do educando, com prioridade dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais”. (Art.24, v- a).

Na avaliação o educando sob orientação saberá dizer quais são seus pontos fortes, o que construiu durante sua aprendizagem, o que ainda necessita construir e precisa aprimorar, pois nem sempre as notas são os aspectos mais importantes, mas sim, verificar e fazer registro do acompanhamento do aluno, do caminho seguido por ele, para que desta forma, se desenvolva

noção de responsabilidade e atitude crítica, partindo da necessidade de uma educação diagnóstica, com troca de ideias e opiniões.

A LDB nos oferece os dois aspectos mais importantes: princípios da afetividade e amor do âmbito escolar, o respeito à liberdade e o apreço à tolerância, que são inspiradas nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana.

Em cada conceito de avaliação, surge uma determinada concepção de avaliação. A escola se encontra em duas correntes: antagônicas - pautadas é claro nos modelos de sociedade, a liberal conservadora e social democrática. Assim a pedagogia de acordo com os modelos, se apresenta como conservadora ou transformadora.

Para a pedagogia transformadora, na avaliação da aprendizagem predominam os aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Nessa concepção, a avaliação deve ter uma finalidade diagnóstica, voltada para o levantamento das dificuldades dos alunos, com vistas à correção de rumos, à reformulação de procedimentos didáticos ou até mesmo dos objetivos.

Destacando que a avaliação passa a ser um processo contínuo e paralelo ao processo de ensino-aprendizagem.

A práxis, enquanto atividade específica do ser humano é esta articulação viva entre ação e reflexão; é a ação informada pela reflexão (conhecimento, fins, estratégias) e a reflexão desafiada pela ação (com todo seu enraizamento histórico-social). Tratam-se de duas modalidades de atividades, que não podem ser fundidas, mas que também não devem ser isoladas, sob pena de cairmos na abstração estéril (verbalismo) ou na ação cega (ativismo). O campo de articulação da ação e da reflexão é justamente o esforço de transformação da realidade. (Vasconcellos, 2003, p. 25 e 26)

Podemos acreditar que a pedagogia conservadora destaca a importância das medidas de dimensões ou aspectos quantificáveis, considerando a periodicidade do processo de avaliação e do registro de seus resultados, especialmente nos momentos de terminalidade, como de uma unidade, série, curso, etc.

Diante dos conceitos apresentados acerca do papel e da importância da avaliação no processo educativo, destaca-se que a mesma deve ser conscientemente ligada à concepção de mundo, de sociedade e de ensino que queremos, permeando toda a prática pedagógica e as decisões metodológicas.

Sendo assim, a avaliação não deve representar o fim do processo de aprendizagem, nem tampouco a escolha inconsciente de instrumentos avaliativos, mas, a escolha de um caminho a percorrer na busca de uma escola necessária. Segundo Freire (1987): “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizado pelo mundo”, ou seja,

a educação problematizadora e como prática de liberdade, exige de seus personagens uma nova concepção de comportamento.

2.1 A TRAJETÓRIA DA AVALIAÇÃO

No decorrer da história, a avaliação vem desempenhando diferentes papéis, os quais estiveram em consonância com aspectos sociais, políticos e econômicos de cada etapa de desenvolvimento da educação como atividade institucionalizada, o que confere à mesma, novas modalidades de definição e articulação de objetivos, conteúdos, métodos e resultados para garantir o desenvolvimento continuado do processo de ensino e aprendizagem.

Inicialmente a avaliação ocorreu no processo de ensino/aprendizagem de uma forma simples, aquele conhecimento individualizado onde é passado de pai para filho, de geração em geração. A avaliação, nesse processo ocorre em todos os momentos sem atingir um caráter classificatório.

Em seguida, podemos destacar a avaliação na educação jesuítica que primava pela aprendizagem memorística e reprodutiva objetivando a reprodução dos dogmas religiosos. Aqui também a avaliação não tinha caráter classificatório, voltava-se para os ideais do clero.

Com a difusão das práticas de ensino pela necessidade do mercado de trabalho decorrentes do processo de industrialização as práticas de ensino e aprendizagem se institucionalizam na escola, que usa critérios de racionalidade econômica que determinam a estratificação por séries que continua até os dias atuais.

A partir desse contexto surge a escola especializada em um processo de ensino e aprendizagem no qual a avaliação permite visualizar a relação entre a finalidade que justifica a existência da escola como instituição e os resultados decorrentes do processo instrutivo – educativo realizado. Essa visualização é possibilitada por meio da utilização de modelos avaliativos específicos, como provas.

Nesse momento destaca-se a Tendência Tecnicista que responde a necessidade de uma educação voltada para o capital, capacitando para o mercado de trabalho. Almeja-se um perfil de homem que atenda ao processo crescente de urbanização.

A partir disso, a avaliação assume um caráter classificatório, condicionada ao caráter seletivo do processo de incorporação do trabalho, pois as possibilidades de emprego são inferiores à demanda, acumulando a mão-de-obra excedente para o mercado de trabalho. Surge a necessidade de discriminar diferenças entre os sujeitos, as aptidões, os conhecimentos e suas habilidades.

A avaliação pode ser: formativa, diagnóstica e somativa.

A avaliação formativa é vista como o melhor caminho para garantir a evolução de todos os alunos, um passo a frente em relação à avaliação somativa. Um exemplo de mudança é o professor, que deixa de ser aquele que passa informações e começa a preparar para que elabore seus próprios conhecimentos no seu dia-a-dia. A avaliação formativa não tem como pressuposto a punição ou premiação. Ela prevê que as crianças possuem ritmos e processos de aprendizagem diferentes.

No desenvolvimento da criança, envolvem-se habilidades de ordem física, afetivo, sexual, cognitiva, ética, estética, de relação intra e interpessoal. Constitui ainda suporte fundamental para que a criança possa fazer a “leitura do mundo”, ressaltando a expressão corporal como uma forma de interação social, “a maioria dos professores capta intuitivamente os progressos, dificuldades e bloqueios que marcam o processo de aprendizagem e modificam consequentemente suas intervenções” (SANTOS, 2003, p. 44). Por isso a avaliação é uma ferramenta pedagógica, e um elemento que melhora a aprendizagem do aluno e a qualidade do ensino.

Faz-se necessário uma organização prévia do professor em relação aos mecanismos de avaliação para tornar mais significativo o processo ensino/aprendizagem.

A prática formal desse enfoque da avaliação concretiza-se na observação sistemática do processo de aprendizagem do aluno com a ajuda de certas pautas de roteiros de observação e no registro das informações assim obtidas em planilhas individuais ou grupais especialmente formuladas para facilitar o acompanhamento do processo. Como são de uso essencialmente individual, cada professor pode e deve confeccionar o modelo de planilha de acompanhamento que lhe for mais útil. Esse tipo de avaliação não tem uma finalidade probatória. Entre suas principais funções estão as de inventariar, harmonizar, apoiar, orientar, reforçar, corrigir, etc. é uma avaliação incorporada no ato do ensino e integrada na ação de formação. (SANTOS, 2003, P. 44)

Todas essas práticas visam melhorar o trabalho pedagógico e superar as dificuldades de aprendizagem por meio de uma avaliação mais democrática e dialógica que realmente contribua com o melhoramento do ensino/aprendizagem proporcionando mais segurança e confiança do aluno em si mesmo e também no professor.

A avaliação subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender. Para a escola, possibilita

definir prioridades e localizar quais aspectos das ações educacionais demandam maior apoio. (PCN, 1998, p.97)

Por isso a importância de a avaliação ocorrer durante todo o processo ensino e aprendizagem, não somente no final dos bimestres quando o professor deve atribuir uma nota. Deve ocorrer todo um processo de planejamento e (re) planejamento constante das atividades de acordo com a necessidade dos alunos.

A avaliação diagnóstica valoriza o conhecimento prévio do aluno, ela primeiramente investiga a bagagem de conhecimento que o aluno tem para ingressar em uma nova aprendizagem, faz-se necessário o histórico escolar onde constam as notas do final de cada série.

Essa avaliação vai permitir ao professor informações úteis na decisão do nível de aprofundamento dos novos conteúdos e as relações entre eles. Vai ser, também, uma avaliação motivadora para os alunos no sentido de permitir-lhes tomar consciência das lacunas, imprecisões e contradições nos seus esquemas de conhecimento e da necessidade de superá-las. (SANTOS,2003, p. 43)

Um fator importante, nessa avaliação é o diálogo entre quem avalia e quem é avaliado progredindo assim no conhecimento e crescimento de ambos. Podem ser realizados testes, questionários, roteiros de observação e de entrevista com os alunos e os pais de acordo com a criatividade e a sensibilidade dos alunos e de suas realidades.

A avaliação somativa informa se houve aprendizagem medindo em pontos os resultados, observando os objetivos. Consideram os fatos, conceitos, atitudes, bem como o grau de aprendizagem traçado pelos objetivos, valorizando acima de tudo os conhecimentos adquiridos.

O objetivo maior relacionado a essa finalidade da avaliação é a conscientização do grau de êxito ou fracasso, não dos alunos, mas do processo educacional no cumprimento das intenções que estão na sua origem. Assim, a avaliação somatória passa a ser um instrumento de controle do processo educacional, seu êxito ou fracasso. (SANTOS,2003, p.45)

É uma avaliação com base nos pontos e ocorre no final de cada etapa como bimestre, ciclo, etc. (SANTOS 2003 p.45) “propõe fazer um balanço somatório de uma ou várias seqüências de um trabalho de formação. Às vezes, pode ser realizada em um processo cumulativo, quando um balanço final leva em consideração vários balanços parciais.” mensurando a aprendizagem efetivamente ocorrida.

Essa avaliação é composta por outras avaliações como a cognitiva, avaliação do desempenho clínico, avaliação prática em multi estações, avaliação por meio de relatórios e/ou trabalhos científicos realizados durante todo o processo e exame final onde se avalia um conjunto de objetivos representativos da globalidade dos objetivos enunciados para a determinada disciplina.

A avaliação não pode ser de cunho decorativo ou uma máscara apenas, voltada à contemplação de nota. Os resultados da avaliação devem ser a chave para a tomada de decisões sobre o que deve ser reforçado ou retocado, ou seja, um diagnóstico que leva a análise da realidade, de onde se possa captar os subsídios a tomar as decisões no sentido de superar os problemas constatados. A avaliação deve servir antes de mais nada, como uma possibilidade de reflexão, senão permanente, ao menos sobre as deficiências surgidas. (SANTOS, 2003, p.46)

A avaliação é um subsídio contínuo para a prática pedagógica que orienta todos os envolvidos no processo, utilizando diversas linguagens como a verbal, a oral e a escrita, de forma a considerar as várias competências dos alunos.

Se no decorrer do processo se verificar a não apropriação do conhecimento, deveria ser então desenvolvido um trabalho de recuperação paralela durante todo período escolar, com metodologias “diferenciadas”, com trabalhos extra classe, pesquisas, provas, entre outros trabalhos com orientação dos professores e assessoramento dos colegas que se apropriaram dos conceitos propostos.

Se a criança geralmente não entende o que se dá em sala de aula, por que se dá e para que serve, dificilmente saberá responder às questões de uma prova que pretenda avaliar seus conhecimentos sobre o assunto, quando muito ela se limitará a decorar o conteúdo que foi dado para, assim que terminar a prova, logo esquecer, uma vez que o que “estudou” é desprovido de sentido real para ela. (SANTOS, 2003, P. 30)

As escolas devem oferecer oportunidades de avaliação sempre que verificado o aproveitamento insuficiente durante os bimestres, assegurando a promoção de recuperação paralela e prevalecendo o resultado maior.

2.2 A AVALIAÇÃO COMO EXPRESSÃO DE JUÍZOS E DECISÕES DOS PROFESSORES

Numa prática educativa progressista, precisamos ser geradores de opinião, ter coerência, que não pareça que não tem valor, ter humildade, essa humildade exige coragem, confiança em nós mesmos, respeito por nós mesmos e pelos outros.

Para desenvolver a aprendizagem o educador tem a liberdade de escolher a conduta que lhe parecer melhor na efetiva aprendizagem e posterior avaliação, é natural respeitar a conduta escolhida pelo aluno, isto não significa que o professor não possa levar o aluno a adotar uma conduta mais eficaz, mais rápida, mais confiável, o papel é o de levar o aluno a refletir sobre o processo que escolheu.

Tal liberdade de escolha deve ser dosada, a busca de autonomia não impede que o professor possa intervir, de maneira didática, junto aos alunos que não conseguem resolver e se desenvolver em sua aprendizagem, aí entra todas as técnicas que o professor poderá desenvolver para posteriormente avaliar o seu aluno.

É importante salientar neste momento, que o educador avalie não apenas os objetivos relativos às disciplinas, mas também objetivos comuns a todas elas: a correta expressão oral e escrita, a compreensão de mensagens ordinárias, a utilização crítica da informação, a atuação criativa do aluno, o raciocínio lógico, a visão integradora da realidade, a atitude aberta e crítica, o hábito racional de trabalho e a capacidade de trabalho em equipe. Enquanto professor é preciso que, no decorrer dos semestres, ministre as respectivas aulas e proceda à avaliação da aprendizagem.

O professor é motivador, alguém que está a serviço da emancipação do educando e que deve transbordar para o incentivo produtivo e não se restringir a sanção por castigos. A avaliação pode conter o desafio, uma busca de redirecionamentos, superações, alternativas, como respeito a compromissos assumidos.

Em vez do pacote didático e curricular como medida do ensino e da aprendizagem, é preciso criar condições de criatividade, via pesquisa, para construir soluções, principalmente diante de problemas novos, refletir sobre a forma de como melhorar e aperfeiçoar suas formas de avaliação.

Avaliação é a realização de um conjunto de ações encaminhadas para recolher uma série de dados em torno de uma pessoa, fato, situação ou fenômeno, com o fim de emitir o juízo sobre o mesmo, por outro lado, que se obtenha evidências sobre o que o indivíduo recorda ou compreende da informação que foi apresentada ou estudada em sala de aula. (HERNÁNDEZ, 1998, p 94).

Os mecanismos que os docentes desenvolvem no ato de avaliação são decisivos porque todas as funções da avaliação dependem do que eles realizarem sobre seus alunos. Sendo que a função fundamental da avaliação é a de informar ou dar consciência aos professores sobre como está o andamento de cada aluno, como estão sendo compreendidos os processos de

aprendizagem, e por fim, como se desencadeiam os processos didáticos no processo de ensino e aprendizagem.

2.3 CONSIDERAR E IDENTIFICAR AS CONTRIBUIÇÕES NECESSÁRIAS PARA A PRODUÇÃO DO ALUNO NO DIA-A-DIA DA ESCOLA

Para uma avaliação de qualidade devemos primeiramente considerar o que os alunos já possuem em suas bagagens, para dar continuidade no processo de ensinar e aprender. Nesse processo é fundamental avaliar a prática pedagógica, o andamento diário dos alunos e o registro frequente do resultado das suas produções. Salientando por sua vez, que diversificar as atividades, faz com que os alunos se sintam motivados e mobilizados a participar e evoluir em suas produções, a avaliação deve ser concebida para ajudar o aluno a aprender, principalmente do primeiro ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental, onde é um momento em que ocorre a alfabetização e exige do professor paciência e muita dedicação.

É por meio da avaliação que o professor deverá rever os procedimentos que vem utilizando na prática diária, e a avaliação nos anos iniciais do ensino fundamental requer uma atenção especial, onde os métodos avaliativos devem ser escolhidos com muito cuidado, pois muitas crianças que saem da educação infantil passam por um processo de muitas mudanças e tem que ir se adaptando a isso aos poucos.

A avaliação deixa de ser o momento do término do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento, é imprescindível ao professor partilhar da análise e da reflexão das produções do aluno para reconhecer seus sucessos e insucessos e para desenvolver nele a consciência dos progressos conseguidos em relação às situações anteriores.

Considerando que em uma sala de aula temos três elementos: o professor, os alunos e o conhecimento, é preciso que professor e alunos se comuniquem para acontecer o conhecimento, é muito importante a troca de ideias entre o professor e seus alunos, num movimento de superação do saber transmitido a uma produção do saber enriquecido, construído a partir da compreensão dos fenômenos estudados.

No fracasso escolar o professor não assume absolutamente a responsabilidade, pois isso representaria assumir a sua incompetência na organização do trabalho escolar, o professor deve ser inovador e ir em busca constante para desenvolver ações educativas que possibilitem novas descobertas, é preciso criar estímulos para a aprendizagem, e uma visão diferente para a

avaliação, ter um acompanhamento reflexivo e dialógico, assim concebendo o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e também pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido e que tenha significados.

O professor precisa acompanhar o processo de construção de conhecimento, para assim favorecer o conhecimento dos alunos e possibilitar novas descobertas.

A avaliação deve ser permanentemente uma ação provocativa, desafiando o educando a refletir sobre situações vividas, formular e reformular hipóteses, encaminhando para um saber enriquecido. Conforme Luckesi (2011), o ato de avaliar é uma forma de investigar e subsidiar o processo, devendo se ter organização e planejamento, onde o docente deverá acolher o aluno com amorosidade. O processo avaliativo deve ser inclusivo, construtivo e dinâmico, através de análise e investigações diagnósticas, de acordo com o desenvolvimento dos discentes. Luckesi (2011, p.149) reitera que “[...] sem investigação, não se tem conhecimentos, e, sem conhecimentos, não se tem eficiência e qualidade”.

Portanto avaliar é um desafio, é muito mais do que aplicar técnicas, é preciso ter um compromisso com a aprendizagem, não podemos ficar passível assistindo o fracasso escolar, o professor precisa ir em busca de soluções para motivar os alunos, para que sejam bem sucedidos, é preciso transformar a realidade, trabalhar de uma forma desafiadora e que motive o interesse dos alunos. Um dos obstáculos para que a mudança da intencionalidade aconteça é a tradição avaliativa, que já existe, a cultura da repetência, a tendência classificatória entre outras, mas é preciso criar novas alternativas para o saber inovar, pois todo ser humano é capaz de aprender.

A avaliação da aprendizagem deve auxiliar na busca de respostas a essas questões, visando à análise não só do produto de aprendizagem, mas sobre tudo de seu processo.

Prestar muita atenção no aluno, conhecê-lo melhor, ouvir seus argumentos, fazendo-lhe novas e desafiadoras questões, buscando alternativas para uma ação educativa voltada para uma autonomia moral e intelectual.

A avaliação educacional é uma tarefa didática necessária e permanente no trabalho do professor, ela deve acompanhar todos os passos do processo de ensino e aprendizagem. É muito importante, pois através dela que vão sendo comparados os resultados obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos, isso tudo com a finalidade de verificar progressos, dificuldades e orientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação insere-se não só nas funções didáticas, mas também na própria dinâmica e estrutura de processo de Ensino e Aprendizagem.

As tarefas são elementos essenciais para observação das hipóteses construídas pelos alunos ao longo do processo. Através delas, professores de todos os graus de ensino poderão estabelecer o diálogo com os educandos, no sentido de debruçar-se sobre sua produção de conhecimento para compreender em que momento se encontra, e qual a real dimensão do seu entendimento.

Para Hoffmann (2012), a avaliação deve acompanhar a aprendizagem. A autora defende uma avaliação construtivista e mediadora, cujo aluno deve construir seu próprio conhecimento por meio da mediação do professor.

Hoffmann (2012, p. 13) destaca que, “avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso de vida da criança, durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões, com intenção de favorecer o máximo possível seu desenvolvimento”. É muito importante que se respeite o saber elaborado pelo aluno, espontâneo, partindo de ações desencadeadoras de reflexão sobre tal saber, desafiando-o a evoluir, encontrar novas e diferentes soluções às tarefas sucessivamente apresentadas pelo professor.

Cada tarefa significa um estágio de sua evolução, do seu desenvolvimento e, portanto, não há como somá-las para calcular médias. Elas completam-se, interpenetram-se. Como material importante para ações posteriores exige o registro sério e detalhado das questões que se observa. Tais dados não podem, nem devem permanecer como informações generalistas ou superficiais a respeito das manifestações dos alunos. O acompanhamento das tarefas exige um registro sério e significativo que não se reduz a números de acertos ou a conceitos amplos.

Como foi percebido no decorrer de todo este processo de construção de pesquisa, o professor deve estar sempre aliado aos alunos, inovando suas aulas, e motivando o mesmo a desencadear suas potencialidades criativas cotidianamente. Sendo que o processo de avaliação não deve ser visto como uma forma de tortura ao aluno, mas sim, como apenas uma técnica utilizada para saber qual a real compreensão do aluno referente ao conhecimento lhe apresentado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo investigar a evolução das ideias relativas à educação, e principalmente como a avaliação consolida-se em torno dos valores econômicos, como consequência do rápido desenvolvimento tecnológico e da nova ordem globalizada. A educação passa a se direcionada para um novo estilo de desenvolvimento, reproduzindo as relações de poder e subordinação.

Sendo destaque a avaliação como um meio pelo qual os professores dispõem para analisar os resultados dos trabalhos desenvolvidos em classe, durante um determinado período, e embora sendo um fator que gera divergências no processo de ensino e aprendizagem, é uma maneira que possibilita verificar se os objetivos foram alcançados e também uma forma de avaliar o desempenho do aluno durante o decorrer das atividades.

Caracterizando que neste processo de ensino e aprendizagem, o professor por sua vez, deve assumir posturas avaliativas diferenciadas a partir de grupos de estudo, de forma a repensar suas ações e entendê-las, e sugerir algumas alternativas, ou até mesmo mudanças para construir as práticas no cotidiano.

Pois o professor mediador passa a assumir um grande compromisso diante das diferenças individuais dos alunos. O mesmo deve sempre estar atento os paradigmas e as mudanças que ocorrem cotidianamente nos diversos segmentos da sociedade.

Com base nisso, vale destacar que há necessidade de classes docentes que trabalhem concomitantemente com o desenvolvimento educacional e humano, relacionando o conteúdo das disciplinas com o contexto social, ou seja, com a própria realidade vivenciada por cada aluno envolvido no processo.

Concluindo desta forma, que o aluno e o professor não são unicamente os envolvidos no processo de ensinar e aprender, mas que toda sociedade de maneira unificada passa a ser complementar neste processo.

Destacando que a avaliação por sua vez, não é uma forma de testar o aluno, mas sim, fundamental para o professor saber se o seu aluno está compreendendo realmente o processo de ensino. Pois a avaliação não é utilizada unicamente para gerar uma nota ao aluno, mas sim, para o professor analisar se o processo, as técnicas didáticas utilizadas no decorrer de suas aulas, está surtindo os efeitos desejados, ou seja, se estão conseguindo cumprir com os objetivos elencados para suas aulas. Como também, para o professor perceber o progresso de cada aluno de maneira individual e coletiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1987.

HERNÁNDEZ, Fernandes; trad. Jussara Haubert Rodrigues. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho.** Porto Alegre: Art Med, 1998.

HOFFMAN, Jussara. Avaliação e educação infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LEI N 9394, DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, Promulgada em 20.12.1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Verificação ou avaliação: o que pratica a escola? Série Ideias n. 8, São Paulo: FDE, 1998, pp. 71-80.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.

SANTOS, Tânia Brandt. **Processo de Aprendizagem: Diagnostico e Avaliação.** IBPEX, 2003.

TYLER, Ralph W. Princípios básicos do currículo e ensino. 3. ed. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1976.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança - Por uma práxis transformadora,** 5º Ed – São Paulo, Libertad; 2003.